

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

ACM é o xis da questão

O poder do senador Antônio Carlos Magalhães está no centro da decisão a respeito da ida ou não do ex-presidente da Câmara Luís Eduardo Magalhães para o governo num cargo formalmente constituído. E é aí, nessa formalização, que reside o problema, dado que influência junto ao presidente ambos os Magalhães já exercem.

Há, no entanto, diferenças profundas entre *ir* ao Palácio e *estar* no Palácio. A principal, crucial mesmo neste caso e que preocupa sobremaneira o Planalto, é a falta de condições de se garantir hoje a Luís Eduardo os plenos poderes na área política que, para ele, seriam o pré-requisito para aceitar a função.

Indo direto ao ponto: ao menor sinal de desgaste, arranhão na autoridade de Luís Eduardo, Antônio Carlos seria um inimigo poderoso a enfrentar. Frase de um ministro de Estado: "No primeiro episódio ruim para o filho, ACM destrói o governo inteiro." Não apenas por conta do temperamento e do estilo de fazer política, mas também por causa do cargo que exerce, a presidência do Senado, o que significa também a presidência do Congresso.

Uma outra ala do tucanato, alta mas sem assento em ministérios, trabalha contra a indicação do deputado argumentando que isso significaria a capitulação total do governo ao poder do PFL baiano. Com a seguinte agravante: Fernando Henrique mais uma vez estaria contrariando a regra básica de que não se deve nomear quem não se possa demitir.

Estaria criando em torno de si, portanto, mais uma zona de risco.

Mas, voltando ao ponto que aflige mesmo o Planalto, que é o reconhecimento da incapacidade de assegurar espaço firme a Luís Eduardo. Qual é o problema de o presidente, que nunca escondeu o desejo de ter Luís Eduardo ao seu lado no governo, garantir a ele pelo menos a autoridade de ministro?

O nome do problema é Sérgio e o sobrenome, Motta.

Luís Eduardo não aceitaria, nem o governo considera, pelas razões já expostas, prudente que aceite assumir uma tarefa que o todo-poderoso amigo-irmão do presidente da República acredita ser sua. Crença, aliás, sustentada no próprio vácuo governamental, pleno apenas de vozes inativas.

O deputado não aceitaria ordens nem admitiria ver ações suas desautorizadas pela atuação do ministro das Comunicações.

Ah, dirão alguns, mas o presidente já decidiu que o ministro a partir de agora ficará exclusivamente dedicado à sua área, não cuida mais de política e a prova disso é que no discurso de posse de Íris Resende e Eliseu Padilha Fernando Henrique fez referência explícita aos donos da coordenação política: Luís Carlos Santos e Íris Resende.

**Se Luís Eduardo
for para o governo
e FH não lhe
garantir
autoridade, o
senador será um
inimigo atroz**

Essa interpretação oficial, divulgada durante toda a quinta-feira por ministros em tom de bastidor político, não se sustenta na realidade. Pelo menos na que está posta até agora.

Não foi a primeira e nada nos permite acreditar que será a última vez que Fernando Henrique manda supostos recados a Sérgio Motta cujos efeitos são rigorosamente iguais a zero. Ao contrário, como um dos marechais da vitória — o outro foi justamente Luís Eduardo — da reeleição, o ministro agiu muito mais que autorizado. Foi avalizado antes e festejado depois.

As responsabilidades que agora são imputadas exclusivamente a ele não podem deixar de ser divididas.

A história registra os fatos, não os deixa mentir, e podemos, assim de estalo, lembrar um deles. O ministro da Coordenação Política, Luís Carlos Santos, em tese o conselheiro-mor da área, nunca escondeu que a votação da emenda da reeleição no momento em que foi feita era um erro, daria exatamente no que deu.

Alertou o quanto pôde, e quando viu que estava batendo de frente com Sérgio Motta, calou-se. Experiente e convivendo ali no dia-a-dia, sabia perfeitamente de quem era a prerrogativa de mandar e a quem cabia o juízo de obedecer.

Pois muito bem, o presidente queria a reeleição, e, para isso, Sérgio Motta e sua motoniveladora serviram à perfeição. Não hesitou em ignorar conselhos, deixou minguar a autoridade de quem agora diz prestigiar. No momento em que todos os problemas causados pelos excessos dessa mesma máquina foram compactados e superexpostos no episódio das fitas do Acre, o ministro passa a ser objeto de uma fritura que nem mesmo tem a coragem de se assumir como tal.

Nada diferente do que vem acontecendo desde o primeiro desconforto que Sérgio Motta criou para Fernando Henrique. E se dele o ministro das Comunicações jamais ouviu nada que fosse capaz de barrar-lhe o ímpeto, como de resto a nação inteira nunca ouviu, não há razão alguma para que desta vez alguém acredite no afastamento de Motta.

Muito provavelmente nem mesmo o presidente, senão não teria receio das conseqüências de abrigar em seu ministério Luís Eduardo Magalhães e todas as implicações que teriam essa decisão.